

por um fio
rainbow rowell

Tradução de Fernanda Semedo

Este livro é para Kai.
(Como tudo o que importa.)

TERÇA-FEIRA
17 DE DEZEMBRO DE 2013

CAPÍTULO 1

Georgie estacionou na rampa de entrada depois de ter guinado para evitar uma bicicleta.

Neal nunca mandava Alice arrumá-la.

Aparentemente, no Nebraska ninguém roubava bicicletas — e ninguém assaltava casas. Na maior parte das noites, Neal nem sequer trancava a porta da frente antes de Georgie chegar a casa, embora ela já tivesse comentado que aquilo era o mesmo que pôr uma tabuleta no quintal a dizer, POR FAVOR, ASSALTEM-NOS À MÃO ARMADA.

Ele discordara.

— Não, julgo que isso seria diferente.

Ela arrastou a bicicleta para o alpendre e abriu a porta destrancada.

As luzes da sala estavam apagadas mas a televisão ainda estava ligada. Alice adormecera no sofá a ver desenhos animados da Pantera Cor-de-Rosa. Georgie foi apagar a televisão e tropeçou numa tigela de leite que estava no chão. Havia uma pilha de roupa dobrada na mesinha de café e ela pegou na primeira peça para limpar o leite.

Quando Neal surgiu por baixo do arco que separava a sala de estar da sala de jantar, Georgie estava acorçada no chão, a limpar o leite com umas cuecas suas.

— Desculpa — disse ele. — A Alice quis preparar leite para a Noomi.

— Não faz mal, eu vinha distraída. — Georgie pôs-se de pé, com as cuecas molhadas fechadas no punho. — Como é que ela está?

Neal tirou-lhe a peça de roupa da mão e depois pegou na tigela.

— Ela está bem. Disse-lhe que podia esperar por ti acordada. Foi uma parte daquela negociação sobre ela comer a couve e parar de vez de usar a palavra «literalmente», uma coisa que, *literalmente*, está a pôr-me doido.

Dirigiu-se à cozinha, olhando para trás para perguntar a Georgie se tinha fome.

— Sim — respondeu ela, seguindo-o.

Neal estava bem-disposto naquela noite. Normalmente, quando Georgie chegava a casa assim tão tarde... Bem, normalmente quando Georgie chegava a casa assim tão tarde, ele *não estava bem-disposto*.

Ela sentou-se à bancada do pequeno-almoço, arranjando espaço para os cotovelos entre faturas, livros da biblioteca e fichas de trabalho do segundo ano.

Neal acendeu um bico do fogão. Estava de calças de pijama e uma t-shirt branca e parecia ter acabado de cortar o cabelo — provavelmente para a viagem. Se Georgie lhe tocasse na nuca, num sentido o cabelo dele seria como veludo. No sentido oposto, seria como agulhas.

— Não sabia bem o que querias pôr na mala — disse ele. — Mas lavei tudo o que tinhas no cesto da roupa suja. Não te esqueças que lá está frio... tu esqueces-te sempre do frio.

Ela acabava sempre por lhe roubar as camisolas.

Ele estava tão bem-disposto naquela noite...

Neal sorria enquanto lhe preparava um prato. Salmão salteado. Couve. Outras coisas verdes. Esmagou com a mão um punhado de cajus e polvilhou-os por cima de tudo, depois colocou o prato diante dela.

Quando Neal sorria, ficava com covinhas que pareciam parênteses — parênteses com barba. Georgie tinha vontade de o puxar para cima da bancada e acariciar-lhe as bochechas com o nariz. (Esta era a sua resposta standard ao sorriso de Neal.) (Embora Neal provavelmente não o soubesse.)

— Acho que lavei todas as tuas calças de ganga... — continuou ele, servindo-lhe um copo de vinho.

Georgie respirou fundo. Tinha de lhe dizer aquilo.

— Hoje recebi boas notícias.

Ele encostou-se à bancada e ergueu uma sobrancelha.

— Sim?

— Sim. Então... Maher Jafari quer a nossa série.

— O que é um Maher Jafari?

— É o tipo do canal de televisão com quem temos falado. Aquele que deu luz verde a *The Lobby* e àquele reality show novo com plantadores de tabaco.

— Certo. — Neal acenou com a cabeça. — O tipo do canal de televisão. Pensei que ele vos tinha virado as costas.

— Nós também pensámos — disse Georgie. — Até pensámos que ele só tinha costas.

— Boa! Isso são boas notícias. Então? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Porque não parece feliz?

— Estou *excitada* — disse Georgie. Arrepiada. *Céus*. Provavelmente, até estava a suar.

— Ele quer um episódio piloto, guiões. Vamos ter uma grande reunião para falar do elenco...

— Isso é ótimo — disse Neal, na expectativa. Sabia que ela estava a esconder o mais importante.

Georgie fechou os olhos.

— ... no dia 27.

A cozinha ficou silenciosa. Ela abriu os olhos. Ah, ali estava o Neal que ela conhecia e amava. (Verdadeiramente. Conhecia *e* amava.) Os braços cruzados, os olhos semicerrados, os músculos tensos de ambos os lados dos maxilares.

— Estaremos em Omaha no dia 27 — disse ele.

— Eu sei — disse Georgie. — Neal, eu sei.

— E então? Planeias voltar para L.A. mais cedo?

— Não, eu... nós temos de ter os guiões prontos antes disso. O Seth acha que...

— O Seth.

— A única coisa que temos pronto é o episódio piloto — continuou Georgie. — Temos nove dias para escrever quatro episódios e preparar a reunião. É uma sorte termos algum tempo livre do *Jeff'd Up* esta semana.

— Tens tempo livre porque é *Natal*.

— Eu sei que é Natal, Neal. Não estou a desistir do Natal.

— Não?

— Não. Estou só a desistir... de Omaha. Pensei que podíamos desistir de Omaha.

— Já temos os bilhetes de avião.

— Neal. É um piloto. Um *contrato*. Com o canal de televisão dos nossos sonhos.

Georgie sentia-se como se estivesse a ler um guião. Ela já tivera aquela conversa com Seth, nessa mesma tarde, quase palavra por palavra.

— *Mas, é Natal* — argumentara ela. Estavam no escritório e Seth estava sentado ao lado dela na grande secretária em forma de L que partilhavam. Ele tinha-a encurralado.

— Vá lá, Georgie. Continuamos a ter Natal. Teremos o melhor Natal de sempre, depois da reunião.

— Diz isso às minhas filhas.

— Pois digo. As tuas filhas adoram-me.

— Seth, é Natal. Esta reunião não pode esperar?

— Passámos toda a nossa carreira à espera. Isto está a acontecer, Georgie. *Neste momento. Está finalmente a acontecer.*

Seth não parava de dizer o seu nome.

Neal tinha as narinas dilatadas.

— A minha mãe está à nossa espera — disse ele.

— Eu sei — murmurou Georgie.

— E as miúdas... A Alice escreveu ao Pai Natal a informar da mudança de morada, para ele saber que a encontrará em Omaha.

Georgie tentou sorrir. Foi um esforço inglório.

— Acho que ele daria por isso.

— Não é essa... — Neal guardou o saca-rolhas numa gaveta, que fechou com força. Baixou o tom de voz. — Não é essa a questão.

— Eu sei. — Baixou a cabeça sobre o prato. — Mas podemos ir ver a tua mãe no mês que vem.

— E tirar a Alice da escola?

— Se tiver que ser.

Neal tinha ambas as mãos em cima da bancada, os músculos dos antebraços retesados. Como se estivesse, retroativamente, a preparar-se para más notícias. Tinha a cabeça baixa e o cabelo caía-lhe diante da testa.

— Esta pode ser a nossa oportunidade — disse Georgie. — A nossa própria série.

Neal acenou com a cabeça sem a levantar.

— Certo. — Falou com voz baixa e sem emoção.

Georgie aguardou.

Por vezes ela perdia o fio à meada quando estava a discutir com Neal. A discussão derivava para alguma coisa diferente — algo mais perigoso — e ela nem dava por isso. Por vezes Neal punha um ponto final na conversa ou abandonava-a enquanto ela ainda estava a apresentar o seu ponto de vista e Georgie continuava a argumentar muito depois de ele ter saído.

Georgie nem sabia bem se o que tinham naquele momento se podia qualificar como discussão. Ainda.

Por isso esperou.

Neal baixou a cabeça.

— Que queres dizer com «certo»? — perguntou finalmente.

Ele afastou-se da bancada, braços nus e ombros direitos.

— Significa que tens razão, obviamente. — Começou a arrumar o fogão. — Tens de ir a essa reunião. É importante.

Falou de uma forma quase ligeira. Talvez, afinal, tudo corresse bem. Talvez ele até ficasse entusiasmado por causa dela. Finalmente.

— Então — disse ela, testando o clima entre ambos. — Organizamos tudo para visitar a tua mãe no mês que vem?

Neal abriu a máquina de lavar loiça e começou a recolher pratos.

— Não.

Georgie cerrou os lábios e mordeu-os.

— Não queres que a Alice falte à escola?

Ele abanou a cabeça. Ela observou-o a encher a máquina.

— Talvez possamos ir no verão?

Ele inclinou ligeiramente a cabeça, como se algo lhe tivesse roçado a orelha. Neal tinha orelhas lindas. Um pouco grandes de mais, espetadas em cima, como asas. Georgie gostava de lhe segurar a cabeça pelas orelhas. Quando ele lho permitia.

Naquele momento, conseguia imaginar a cabeça dele nas suas mãos. Conseguia sentir os polegares a acariciar-lhe o cimo das orelhas, os nós dos dedos a roçarem o seu cabelo cortado.

— Não — repetiu ele, endireitando-se e limpando as palmas das mãos nas calças de pijama. — Já temos os bilhetes de avião.

— Neal, estou a falar a sério. Não posso faltar a esta reunião.

— Eu sei — disse ele, virando-se para ela. Tinha o queixo empinado. Permanentemente.

Quando estava na universidade, Neal considerara a hipótese de se alistar no exército. Seria mesmo muito bom naqueles momentos em que fosse necessário participar notícias horríveis ou executar uma ordem dolorosa sem denunciar o quanto lhe custava. A expressão de Neal podia pilotar o *Enola Gay*.

— Não estou a compreender — disse Georgie.

— Tu não podes faltar a essa reunião — disse ele. — E já temos bilhetes. De qualquer maneira, vais trabalhar a semana toda. Então, ficas aqui, concentras-te no teu programa... e nós vamos visitar a minha mãe.

— Mas, é Natal. As miúdas...

— Poderão ter outro Natal contigo quando regressarmos. Elas vão adorar ter dois Natais.

Georgie não sabia bem como reagir. Talvez, se Neal estivesse a sorrir quando dissera a última frase...

Ele apontou para o prato.

— Queres que aqueça isso?

— Está bem assim — respondeu ela.

Ele fez um aceno de cabeça quase impercetível. Passou por ela e inclinou-se apenas o suficiente para lhe tocar a bochecha com os lábios antes de ir para a sala e levantar Alice do sofá. Georgie ouvia-o a sussurrar-lhe enquanto subia as escadas.

— Está tudo bem, querida, o pai leva-te.

QUARTA-FEIRA
18 DE DEZEMBRO DE 2013

CAPÍTULO 2

A bateria do telemóvel de Georgie não funcionava.

O telefone estava sempre morto, a não ser que o ligasse à eletricidade. Devia precisar de uma bateria nova, mas esquecia-se sempre de tratar disso.

Pousou o café na secretária e ligou o telefone ao portátil, sacudindo-o, como se fosse uma fotografia polaroide, aguardando que ele acordasse.

Uma uva voou entre o nariz dela e o ecrã.

— Então? — perguntou Seth.

Georgie levantou a cabeça, olhando de frente para ele pela primeira vez desde que chegara ao trabalho. Vestia uma camisa cor-de-rosa com um colete de malha verde e naquele dia o seu cabelo estava particularmente estiloso. Seth parecia um primo bonito dos Kennedy. Um primo que não tivesse herdado os dentes.

— Então o quê? — perguntou ela.

— Como correu?

Com Neal, queria ele dizer. Mas não diria «com Neal» porque era assim que faziam. Eram regras.

Georgie baixou o olhar para o telefone. Não tinha chamadas perdidas.

— Bem.

— Eu disse-te que ia correr bem.

— Pois, tinhas razão.

— Tenho sempre razão — disse Seth.

Georgie ouviu-o sentar-se na sua cadeira. Também conseguia visualizá-lo — as pernas compridas apoiadas na beira da secretária que partilhavam.

— Tens razão muito ocasional e parcialmente — disse ela, ainda a mexer no telefone.

Neal e as meninas já estavam provavelmente no segundo voo. Faziam uma curta escala em Denver. Georgie pensou em enviar uma mensagem — *amo-vos* — e imaginou-a a aterrar em Omaha antes deles.

Mas Neal nunca mandava mensagens de texto, por isso também nunca as verificava, pelo que não valia a pena.

Pousou o telefone e puxou os óculos para a cabeça, tentando concentrar-se no computador. Tinha uma dúzia de e-mails novos, todos de Jeff German, o comediante que era a estrela da sua série.

Se aquele novo contrato fosse para a frente, Georgie não teria saudades de Jeff German. Não teria saudades dos seus e-mails, nem do seu boné vermelho. Nem da maneira como a obrigava a reescrever episódios inteiros de *Jeff 'd Up* se achasse que os atores que interpretavam a sua família na série estavam a obter demasiadas gargalhadas.

— Não consigo guardar isto.

A porta abriu-se e Scotty entrou.

No gabinete de Seth e Georgie apenas havia espaço para outra cadeira — uma desconfortável coisa de rede do IKEA.

Scotty sentou-se de lado, tapando a cara com as mãos.

— Não consigo mesmo, sou terrível com segredos.

— Bom-dia — disse-lhe Georgie.

Scotty espreitou por entre os dedos.

— Olá, Georgie. A rapariga da receção pediu-me para te avisar que a tua mãe está ao telefone. Linha 2.

— Chama-se Pamela.

— Está bem. A minha mãe chama-se Dixie.

— Não, referia-me à nova rececionista... — Georgie abanou a cabeça e estendeu a mão para o telefone preto que estava na secretária, entre ela e Seth.

— Fala a Georgie.

A mãe suspirou.

— Estive à espera tanto tempo que pensei que a rapariga se tinha esquecido de mim.

— Não. Que se passa?

— Só liguei para saber como estás.

A mãe parecia preocupada. (A mãe gostava de parecer preocupada.)

— Estou bem — afirmou Georgie.

— Bem... — Outro suspiro. Um suspiro vigoroso. — Falei com o Neal esta manhã.

— Como é que conseguiste?

— Pus o despertador. Sabia que iam sair de casa cedo. Queria despedir-me.

A mãe dela era sempre muito dramática com viagens de avião. E com pequenas cirurgias. E, por vezes, até desligar o telefone era um drama. *Nunca sabemos quando é a última vez que vamos ver alguém e é melhor não perdermos a oportunidade de nos despedirmos.*

Georgie apoiou o telefone entre a orelha e o ombro, para poder escrever no computador.

— Foi simpático da tua parte. Falaste com as miúdas?

— Falei com o Neal — repetiu a mãe. Para enfatizar. — Ele disse-me que vocês iam passar algum tempo separados.

— Mãe — disse Georgie, apanhando o auscultador com a mão. — É só esta semana.

— Ele disse que se iam separar no Natal.

— Não é bem assim. Porque estás a dar a entender isso? Surgiu-me uma coisa no trabalho.

— Nunca tinha acontecido teres de trabalhar no Natal.

— Não tenho de trabalhar *no* Natal. Tenho de trabalhar na semana do Natal. É complicado. — Georgie resistiu à tentação de ver se Seth estava a escutar. — A decisão foi minha.

— Decidiste ficar sozinha no Natal.

— Não estarei sozinha. Estarei contigo.

— Mas, querida, nós vamos passar o dia com a família do Kendrick, já te tinha dito. E a tua irmã vai para casa do pai. Quer dizer, és bem-vinda, se quiseres ir connosco para San Diego...

— Não te preocupes, logo verei o que fazer. — Georgie olhou em volta da sala. Seth estava a atirar uvas ao ar e a apanhá-las com a boca.

Scotty estava miseravelmente esticado, como se tivesse dores menstruais. — Tenho de continuar a trabalhar.

— Bem, vem cá jantar esta noite — convidou a mãe.

— Estou bem, mãe, a sério.

— Vem, Georgie. Não devias estar sozinha nesta altura.

— Não é «altura» nenhuma, mãe. Estou bem.

— É Natal.

— Ainda não é.

— Eu faço o jantar, vem. — Desligou antes que Georgie pudesse discutir mais.

Georgie suspirou e esfregou os olhos. Sentia as pálpebras engorduradas. As mãos cheiravam a café.

— Não aguento — resmungava Scotty. — Toda a gente percebe que tenho um segredo.

Seth relanceou a porta. Estava fechada.

— E então? Desde que as pessoas não saibam que segredo é...

— Não gosto disto — disse Scotty. — Sinto-me um traidor. Sou o Lando da Cidade das Nuvens. Sou o gajo que beijou Jesus.

Georgie questionou-se se algum dos outros guionistas realmente suspeitava de alguma coisa. Provavelmente não. O contrato de Georgie e Seth estava prestes a terminar, mas toda a gente achava que eles ficariam. Porque haviam de abandonar o *Jeff 'd Up* depois de finalmente o terem conduzido ao *top ten*?

Se eles ficassem, teriam aumentos de salário. Aumentos gigantescos, daqueles que mudam a vida toda. O género de quantia que fazia os olhos de Seth saltarem como os do Tio Patinhas sempre que falava disso.

Mas se saíssem...

Neste momento, só deixariam o *Jeff 'd Up* por uma razão. Fazer a sua própria série. A série com que Georgie e Seth sonhavam praticamente desde que se conheciam — tinham escrito em conjunto o primeiro esboço do episódio piloto ainda na universidade. A sua própria série, as suas próprias personagens. Acabava-se o Jeff German. Acabavam-se os slogans repetidos. Acabavam-se as gargalhadas gravadas.

Se saíssem, levariam Scotty com eles. (*Quando saíssem, corrigia Seth. Quando, quando, quando.*) Scotty era deles; Georgie contratara-o dois programas antes e era o melhor escritor de *gags* com que tinham trabalhado.

Seth e Georgie eram melhores a escrever *situations*. Coisas estranhas que se tornavam ainda mais estranhas, anedotas que iam crescendo e, finalmente, davam bons frutos após oito episódios. Porém, muitas vezes, o que era preciso era que alguém escorregasse numa casca de banana. Scotty nunca deixava esgotar as cascas de banana.

— Ninguém sabe que tens um segredo — sossegou-o Seth. — Ninguém se importa. Só querem acabar de fazer as tretas deles para poderem sair daqui no Natal.

— Qual é o plano, então? — Scotty endireitou-se na cadeira. Era um indiano pequenino, com cabelo desgrenhado e óculos, que se vestia como quase todos os guionistas — calças de ganga, camisola com capuz e chinelos de aspeto estúpido. Scotty era o único *gay* da equipa. Por vezes as pessoas pensavam que Seth era *gay*, mas não era. Era só bonito.

Seth atirou uma uva a Scotty. Depois atirou outra a Georgie. Ela baixou-se.

— O plano — disse Seth — é virmos amanhã como de costume e escrevermos. E depois escrevemos um pouco mais.

Scotty apanhou a sua uva do chão e comeu-a.

— Só odeio abandonar toda a gente. Porque é que nos mudamos assim que eu faço amigos? — Virou-se para fazer uma carranca na direção de Georgie. — Eh, Georgie. Estás bem? Pareces esquisita.

Georgie percebeu que estava com o olhar fixo. E não olhava para nenhum deles.

— Sim — respondeu. — Estou bem.

Voltou a pegar no telemóvel e escreveu uma mensagem de texto.

Talvez...

Talvez ela devesse ter falado com Neal naquela manhã antes de ele sair. Ter falado com ele a sério. Assegurar-se de que estava tudo bem.

Mas, na altura em que o despertador de Neal tocara, às 4h30, ele já estava fora da cama e quase vestido. Neal ainda usava um velho rádio-despertador *Dream Machine* e quando se aproximou da cama para o desligar, disse a Georgie que voltasse a dormir.

— Vais ficar de rastos mais tarde — disse-lhe quando ela se sentou na cama. Como se Georgie fosse dormir em vez de se despedir das filhas.

Como se não fossem todos ficar separados durante uma semana. Como se não fosse Natal.

Ela procurou os óculos pendurados por cima da cabeceira da cama e pô-los na cara.

— Vou levar-vos ao aeroporto — disse.

Neal estava diante do roupeiro, de costas para ela, pondo uma camisola azul por cima dos ombros.

— Já chamei um carro.

Se calhar, nessa altura, Georgie devia ter discutido. Em vez disso levantou-se e tentou ajudar as meninas.

Não havia muito a fazer. Neal deitara-as com calças de fato de treino e t-shirts, para as poder levar para o carro de manhã sem as acordar.

Mas Georgie queria falar com elas e, de qualquer modo, Alice acordou quando tentava calçar-lhe os sapatos cor-de-rosa de fivela.

— O pai disse que eu podia calçar as botas — guinchou Alice.

— Onde estão? — sussurrou Georgie.

— O pai sabe.

Acordaram Noomi enquanto as procuravam. Depois Noomi também quis as suas botas.

Em seguida, Georgie quis dar-lhes iogurte, mas Neal disse que comeriam no aeroporto; ele tinha preparado um lanche.

Neal deixou Georgie explicar-lhes porque não iria no avião com eles.

— Vais de carro? — perguntou Alice enquanto o pai subia e descia as escadas a correr e entrava e saía pela porta da frente, verificando coisas e recolhendo sacos.

Georgie tentou dizer às meninas que iam divertir-se tanto que mal dariam pela sua falta, e que celebrariam todos juntos na semana seguinte.

— Teremos dois Natais — explicou.

— Não me parece que isso seja possível — desconfiou Alice.

Noomi começou a chorar porque a sua meia não estava bem calçada em volta dos dedos. Georgie não percebia se ela a queria com a costura para cima ou para baixo. Neal veio da garagem e tirou a bota de Noomi para ajeitar a meia.

— O carro chegou — disse ele.

Era uma *minivan*. Georgie conduziu as meninas para fora, depois ajoelhou-se na berma do passeio, de calças de pijama, beijando-lhes a

cara toda e tentando comportar-se como se despedir-se delas não fosse nada de especial.

— És a melhor mãe do mundo — disse Noomi. Para ela tudo era «o melhor» e «o pior». Tudo era «nunca» e «sempre».

— E tu és a melhor menina de quatro anos do mundo — disse-lhe Georgie, esmagando-lhe o nariz com um beijo.

— *Gatinha* — disse Noomi. Ainda tinha lágrimas na cara por causa do problema das meias.

— És a melhor gatinha do mundo. — Georgie prendeu-lhe os cabelos ralos, alourados, atrás das orelhas e ajeitou-lhe a t-shirt na barriga.

— Gatinha verde.

— A melhor gatinha verde.

— Miau — disse Noomi.

— Miau — respondeu Georgie.

— Mãe? — chamou Alice.

— Diz? — Georgie puxou mais para si a menina de sete anos. — Vem cá, dá-me os teus abraços todos.

Alice, porém, estava demasiado ocupada a pensar.

— Se o Pai Natal levar as tuas prendas para casa da avó, eu guardo-as para ti. Ponho-as na minha mala.

— O Pai Natal não costuma trazer presentes à mãe.

— Está bem, mas *se* ele trouxer...

— Miau — disse Noomi.

— Está bem — concordou Georgie segurando Alice com o braço esquerdo e abraçando Noomi com o direito. — Se ele me trouxer presentes, tu cuidas deles.

— Mãe, miau!

— Miau — disse Georgie, abraçando ambas.

— Mãe?

— Sim, Alice.

— O verdadeiro significado do Natal não são os presentes, é Jesus. Mas para nós não, porque não somos religiosos. O verdadeiro significado do Natal é a família.

Georgie beijou-lhe a bochecha.

— É isso mesmo.

— Eu sei.

— Está bem. Amo-vos. Amo-vos muito às duas.

— Daqui até à Lua e de volta? — perguntou Alice.

— Oh, meu Deus — disse Georgie. — Muito mais longe.

— Daqui até à Lua e infinitos?

— Miau!

— Miau — disse Georgie. — Infinitos vezes infinitos. Amo-vos tanto que até dói.

Noomi fez uma expressão triste.

— Dói?

— Ela não está a falar *literalmente* — explicou Alice. — Não é, mãe? É não-*literalmente*?

— Não. Bem. Às vezes.

Neal aproximou-se delas.

— Muito bem. Hora de apanhar um avião.

Georgie roubou mais meia dúzia de beijos às filhas enquanto lhes apertava os cintos de segurança dentro do carro e ficou ao lado da carrinha com os braços nervosamente cruzados diante do peito.

Neal aproximou-se dela e espreitou-lhe por cima do ombro, como se estivesse a pensar.

— Aterrámos às 17h00 — disse. — Hora central, portanto serão cerca de 15h00 aqui... Ligo-te quando chegarmos a casa da minha mãe.

Georgie fez que sim com a cabeça, mas ele continuava a não olhar para ela.

— Tenham cuidado — pediu.

Ele viu as horas.

— Ficamos bem, não te preocupes connosco. Faz o que tens a fazer. Espero que arrases na reunião.

E depois abraçou-a, uma espécie de abraço, um braço por cima do seu ombro, a boca a embater na dela. Na altura em que disse «Amo-te», já estava a afastar-se.

Georgie tinha vontade de o segurar pelos ombros.

Quería abraçá-lo até levantar os pés do chão.

Quería enterrar a cara no pescoço dele e sentir os seus braços com um pouco de força a mais em torno das suas costelas.

— Amo-te — disse ela, mas não teve a certeza se ele a ouviu. — Amo-vos — gritou para as meninas, batendo no vidro traseiro e beijando-o, porque sabia que isso as fazia rir; os vidros traseiros do *Prius* estavam cheios de marcas de beijos.

As meninas acenavam-lhe como loucas. Georgie afastou-se da carrinha, acenando com ambas as mãos. Neal ia no banco da frente, à conversa com o motorista.

Georgie pensou que ele olharia para ela uma vez antes de a carrinha descrever a curva — ficou com as mãos imóveis no ar.

E eles tinham partido.

CAPÍTULO 3

— Precisas de ajuda?

Georgie pestanejou.

Seth estava de pé ao lado dela. A bater-lhe com um dossiê no cimo da cabeça. Jeff German queria um episódio reescrito antes de os guionistas partirem todos para férias — e isso era sobretudo uma tarefa de Georgie. (Porque ela não confiava em ninguém para a ajudar.) (O que era culpa dela e não algo com que pudesse irritar-se.)

A tarde inteira fora uma névoa de barulho, comida e cânticos de Natal. Por alguma razão — bem, por razões alcoólicas — toda a gente decidira cantar canções de Natal das 14h00 às 15h30. Então, alguém, talvez Scotty, tentara enfiar uma travessa de camarão por baixo da porta do gabinete dela. Agora eram 18h00, havia silêncio, e Georgie estava finalmente a fazer progressos na alteração do guião.

— Não — respondeu a Seth. — Eu consigo.

— Tens a certeza?

Ela não levantou os olhos do ecrã.

— Sim.

Ele encostou-se à secretária, do lado dela, junto do teclado.

— Então...

— Então o quê?

— Então — disse ele. — Eles foram para Omaha.

Georgie abanou a cabeça, embora a resposta fosse sim.

— Fazia sentido. Já tínhamos os bilhetes de avião e, de qualquer maneira, vou passar a semana a trabalhar.

— Sim, mas... — Seth deu-lhe uma pancadinha no braço com a perna. Georgie olhou para cima. — Que vais fazer no Natal?

— Vou para casa da minha mãe. — Não era completamente mentira. Ela poderia ir. Apesar de a mãe não estar em casa.

— Podes vir para casa da minha mãe.

— Iria — disse Georgie. — Se não tivesse a minha própria mãe.

— Talvez eu também vá para casa da tua mãe. — Seth sorriu. — Ela adora-me.

— Isso não é grande referência em relação ao teu carácter.

— Sabes, ela ligou para cá três vezes esta manhã, antes de tu chegares. Acha que andas com o telefone desligado de propósito. Para a evitares.

Georgie virou o olhar para o ecrã.

— Era o que devia fazer.

Seth levantou-se e pendurou o saco de couro a tiracolo. Georgie ia precisar de mais uma hora para reescrever a cena. Talvez fosse melhor começar do princípio...

— Eh, Georgie.

Ela continuou a escrever.

— Sim?

— *Georgie?*

Ela ergueu o olhar mais uma vez. Ele estava junto da porta, a fitá-la.

— Estamos tão perto — disse ele. — Está finalmente a acontecer.

Georgie acenou com a cabeça e tentou sorrir. Foi um esforço vão.

— Amanhã — disse Seth, depois deu uma palmada na moldura da porta e saiu.

Georgie ia a caminho de casa quando a irmã telefonou.

— Comemos sem ti — disse Heather.

— Quê?

— São 21h00. Tínhamos fome.

Pois. O jantar.

— Não faz mal — disse Georgie. — Diz à mãe que lhe ligo amanhã.

— Ela ainda quer que venhas cá esta noite. Diz que o teu casamento acabou e que precisas de apoio.

Georgie tinha vontade de fechar os olhos, mas estava a conduzir.

— O meu casamento não acabou, Heather, e não preciso do vosso apoio.

— Então o Neal não te deixou e levou as miúdas para o Nebraska?

— Levou-as para visitarem a avó — explicou Georgie. — Não é bem o mesmo que estarmos a lutar pela custódia delas.

— O Neal ficaria com a custódia, sem qualquer dúvida, não achas?
— *Sem qualquer dúvida*, pensou Georgie. — Devias passar por cá — disse Heather. — A mãe fez salada de atum com macarrão.

— Pôs ervilhas?

— Não.

Georgie pensou na sua casa vazia em Calabasas. E na mala de viagem vazia ao lado do roupeiro. Na sua cama vazia.

— Está bem — disse.

— Tens um carregador de *iPhone*? — Georgie pousou as chaves e o telefone na bancada da cozinha. Tinha deixado de usar mala; guardava a carta de condução e um cartão de crédito no porta-luvas do carro.

— Teria, se me comprasses um *iPhone*.

Heather estava debruçada sobre a bancada, a comer salada de atum de um recipiente de vidro.

— Pensava que já tinhas comido — disse Georgie.

— Não fales assim comigo. Vais provocar-me uma desordem alimentar.

Georgie revirou os olhos.

— Ninguém na nossa família tem desordens alimentares. Para de comer o meu jantar.

Heather comeu mais uma garfada gigante antes de entregar o recipiente a Georgie.

Heather tinha 18 anos e fora uma bebé mudança-de-vida, o que significava que a mãe de Georgie decidira mudar a sua vida dormindo com o quiropata para quem trabalhava e, acidentalmente, engravidara aos 39 anos. A mãe e o quiropata estiveram casados apenas o tempo suficiente para Heather nascer.

Nessa altura Georgie já estava na universidade, e ela e a irmã só tinham vivido na mesma casa um ano ou dois. Por vezes Georgie sentia-se mais tia de Heather do que irmã mais velha.

Eram suficientemente parecidas para serem gémeas.

Heather tinha o mesmo cabelo castanho-alourado e ondulado que Georgie. E os mesmos olhos azul-água. E tinha a constituição de Georgie quando andava no liceu, uma espécie de ampulheta atarracada. Embora Heather fosse um pouco mais alta do que Georgie...

Isso era uma sorte para ela. Talvez um dia, quando Heather engravidasse, os bebés não lhe arruinassem completamente a cintura. *São essas cesarianas*, dizia a mãe de Georgie. Como se Georgie tivesse escolhido ter duas cesarianas, como se as tivesse encomendado do menu por pura preguiça. *Meninas, eu tive-vos de parto natural e o meu corpo voltou logo ao lugar.*

— Porque estás a olhar para a minha barriga? — perguntou Heather.

— Continuo a tentar provocar-te uma desordem alimentar — disse Georgie.

— Georgie! — A mãe entrou na cozinha, segurando junto do peito uma cadela *pug*, pequena mas muito grávida. O padraço de Georgie, Kendrick — um afro-americano alto, ainda com as roupas sujas do trabalho nas obras, vinha logo atrás. — Não te ouvi entrar — disse a mãe.

— Acabei de chegar.

— Deixa-me aquecer-te isso. — A mãe tirou-lhe a tigela de atum da mão e entregou o cão a Georgie. Esta afastou-o do corpo; detestava tocar-lhe e não se importava que isso fizesse dela a vilã numa comédia romântica.

Kendrick aproximou-se e tirou-lhe o cão.

— Como vais, Georgie?

A expressão dele era tão gentil que Georgie teve vontade de gritar, «*O meu marido não me deixou!*»

Mas Kendrick não merecia isso. Era o melhor chocantemente jovem padraço que uma rapariga podia desejar. (Tinha 40 anos, apenas mais três que Georgie. A mãe conhecera-o quando ele fora lá limpar a amostra patética de piscina.) (Estas coisas acontecem mesmo.) (Em Los Angeles.)

— Estou bem, Kendrick. Obrigada.

A mãe abanou tristemente a cabeça para o micro-ondas.

— A sério — repetiu Georgie para toda a divisão. — Estou melhor que bem. Vou passar o Natal na cidade porque a nossa série está a um passinho de obter luz verde.

— A vossa série? — perguntou a mãe.

— A vossa série está com problemas?

— Não. Não é o *Jeff'd Up*. É mesmo a nossa série... *Passing Time*.

— Não consigo ver a vossa série — disse a mãe. — Aquele miúdo é tão malcriado.

— O Trev? — perguntou Heather. — Toda a gente adora o Trev.

Trev era o filho do meio em *Jeff'd Up*. Era a criação especial de Georgie — um misantropo de 12 anos e expressão enjoada, uma personagem que não gostava de nada e nunca fazia nada de que se pudesse gostar.

Trev era o sítio onde Georgie enterrava todos os seus ressentimentos. Por Jeff German, pelo canal de televisão, pelo próprio Trev. Pelo facto de ela estar a trabalhar numa série que era basicamente *Home Improvement* sem nada de bom — sem Jonathan Taylor Thomas nem Wilson.

Trev era também a revelação da série.

Georgie semicerrou os olhos na direção da irmã.

— Tu adoras o Trev?

— Credo, eu não — disse Heather. — Mas toda a gente. Os rufias lá da escola usam todos t-shirts a dizer «Que nojo!». Não os rufias assustadores e fixes, claro, mas os feiosos depressivos que ouvem *Insane Clown Posse*.

— Não é «Que nojo» — disse Kendrick muito prestável. — É «*Que noooooojo*».

Heather riu.

— Oh, meu Deus, papá, pareces mesmo ele.

— Que noooooojo — repetiu Kendrick.

«Que nojo» era a expressão que Trev repetia constantemente. Georgie tirou os óculos e esfregou os olhos.

A mãe abanou a cabeça, pousou a tigela de salada de atum na mesa, depois recuperou o cão das mãos de Kendrick, esfregando a cara no seu focinho cinzento e molhado.

— Pensavas que me tinha esquecido de ti? — arrulhou. — Não me esqueci de ti, mamãzinha.

— Obrigada — disse Georgie, sentando-se à mesa e puxando a tigela para si.

Kendrick deu-lhe uma palmada no ombro.

— Eu gosto do Trev. A tua próxima série vai ser assim?

— Não exatamente — respondeu ela, franzindo a testa. Continuava a sentir-se desconfortável quando Kendrick tentava ser paternalista com ela. Ele só tinha mais três anos. *Tu não és meu pai*, era o que lhe apetecia dizer por vezes. Como se tivesse 12 anos. (Quando Georgie tinha 12 anos, Kendrick tinha 15. Ela até podia ter flirtado com ele no centro comercial).

— *Passing Time* — disse Heather com voz doce, tirando uma caixa de piza do frigorífico — é uma comédia dramática com episódios de uma hora. É uma coisa mais uma coisa mais não sei o quê.

Georgie lançou à irmã um ar apreciativo. Pelo menos, alguém a ouvia.

— É *Square Pegs* — explicou Georgie — mais *Que Vida Esta*, mais *De Mal A Pior*.

Se o Seth estivesse ali, acrescentaria, *Mais uma série qualquer que as pessoas realmente vejam*.

E então, Scotty acrescentaria, *Mais The Cosby Show!*

Era aí que Georgie diria, *Menos os Cosby*, e sentir-se-ia mal por o seu piloto não ter mais diversidade. (Havia de falar disso com Seth no dia seguinte...)

Passing Time era uma série que transmitia toda a angústia da vida na escola secundária — todos os altos e baixos, todos os absurdos — e depois tornava-os mais altos, mais baixos e mais absurdos.

Pelo menos, era assim que eles a vendiam. Fora assim que Georgie a vendera a Maher Jafari no mês anterior. Ela estava imparável nessa reunião. Não deixara nada ao acaso.

Ela e Seth tinham ido diretamente do escritório de Jafari para o bar do outro lado da rua, e Seth pusera-se de pé no banco para brindar a Georgie, despejando-lhe *Canadian Club* na cabeça como se fosse água benta.

Tu és mágica, Georgie McCool. Tiveste um desempenho cinco estrelas. Fizeste-o rir até às lágrimas, viste?

E então Seth começara a bater com os pés no banco e Georgie seguirara-lhe os tornozelos nus. *Para. Vais cair!*

Baixando a cabeça e levantando a bebida, Seth dissera, *Tu és a minha arma secreta*.

Agora Heather estava encostada à cadeira de Georgie, gesticulando com uma fatia de piza fria.

— *Passing Time* já é a minha série favorita — disse — e faço parte de um grupo demográfico muito desejável.

Georgie engoliu o pedaço de salada que tinha à entrada da garganta.

— Obrigada, miúda.

— Falaste com as meninas hoje? — perguntou a mãe. Segurava a *pug* de encontro ao rosto, coçando-lhe a cabeça com o queixo. Os olhos húmidos do animal quase lhe saíam das órbitas a cada toque.

Georgie fez uma careta e desviou o olhar.

— Não — respondeu. — Ia agora telefonar-lhes.

— Qual é a diferença horária? — perguntou Kendrick. — Não é quase meia-noite em Omaha?

— Oh, caramba! — Georgie deixou cair o garfo. — Tens razão!

O telemóvel estava sem bateria, pelo que se dirigiu ao *Trimline* castanho que ainda estava preso à parede da cozinha.

Heather, Kendrick, a mãe e a cadela, todos a observavam. Outro cão entrou na cozinha, as unhas a estalar nos mosaicos, e olhou para cima.

— Ainda há um telefone no meu quarto? — perguntou Georgie.

— Julgo que sim — respondeu a mãe. — Vê no roupeiro.

— Ótimo. Vou só... — Georgie saiu da cozinha e correu para o quarto.

A mãe transformara o seu quarto de criança na sala dos troféus caninos assim que ela acabara a escola secundária — o que era irritante, porque Georgie só saíra realmente de casa depois de acabar a universidade.

Onde é que eu havia de expor as medalhas deles?, perguntara a mãe quando Georgie protestara. *São cães muito premiados. De qualquer maneira, tu já tens um pé fora da porta.*

Neste momento não. Neste momento tenho ambos os pés em cima da cama.

Tira os sapatos, Georgie. Isto não é um celeiro.

A antiga cama de Georgie ainda estava no quarto, assim como a mesa de cabeceira, um candeeiro e alguns livros que ela não levara. Abriu o roupeiro e vasculhou num monte de tralha que deixara para trás até encontrar um antigo telefone amarelo, de disco. Fora ela própria que

o comprara numa venda de garagem quando andava na secundária — porque era exatamente esse género de pretensiosa.

Caramba, era pesado! Desenredou o fio e rastejou debaixo da cama para o ligar à tomada. (Ela esquecera aquela sensação — a forma como a tomada mordida a ponta do fio com um *click*.) Depois subiu para a cama e pôs o telefone no colo, respirando fundo antes de pegar no auscultador.

Tentou primeiro o telemóvel de Neal, mas não conseguiu nada porque a rede era péssima em Omaha. Então marcou de memória o número de casa da mãe dele...

Georgie e Neal tinham passado um verão separados — no penúltimo ano da universidade, logo depois de terem começado a namorar. Ela ligara-lhe para Omaha todas as noites nesse verão. Exatamente daquele quarto e daquele telefone amarelo.

Nessa altura havia menos fotografias de cães nas paredes, mas ainda as suficientes para Georgie sentir necessidade de se esconder debaixo dos cobertores quando ficava acordada até tarde a ter conversas picantes com Neal. (Não seria de esperar que Neal fosse picante ao telefone, ele normalmente nem palavrões dizia. Mas o verão fora muito longo.)

A mãe dele atendeu depois de quatro toques.

— Estou?

— Olá, Margaret. Desculpe, eu sei que é tarde, mas esqueço-me sempre dos fusos horários, o Neal ainda está acordado?

— Georgie?

— Oh, desculpe. Sim, sou eu.

A mãe de Neal fez um momento de silêncio.

— Espera um minuto, vou ver.

Georgie esperou, nervosa, sem saber porquê. Como se estivesse a telefonar a um rapaz de quem gostava quando tinha 14 anos, e não àquela com quem era casada há 14 anos.

— Estou?

Neal parecia ter acabado de acordar. Tinha a voz rouca. Ela sentou-se mais direita.

— Olá.

— Georgie.

— Sim... Olá.

— É bastante tarde aqui.

— Eu sei. Desculpa, esqueço-me sempre das diferenças horárias.
— Eu... — Ele emitiu uma fungadela frustrada. — Acho que não estava à espera que ligasses.
— Oh. Está bem. Só queria ter a certeza de que tinhas chegado bem.
— Cheguei bem — respondeu ele.
— Ótimo.
— Pois...
— Como está a tua mãe?
— Está bem. Estão ambos bem. Toda a gente está bem. Olha, Georgie, é tarde.
— Está bem, Neal. Desculpa. Ligo amanhã.
— Ligas?
— Sim. Quero dizer, ligo mais cedo, eu só...
Ele voltou a fungar.
— Combinado.

E desligou.

Georgie ficou imóvel por um momento, com o auscultador encostado ao ouvido.

Neal desligara-lhe na cara.

Nem sequer tivera tempo de perguntar pelas filhas.

E não conseguira dizer «Amo-te». Georgie dizia sempre «Amo-te» e Neal respondia-lhe sempre a mesma coisa, por mais superficial que fosse. Era uma verificação de segurança, a prova de que continuavam ambos empenhados.

Talvez Neal estivesse zangado com ela.

Era *óbvio* que estava zangado com ela, ele estava sempre zangado com ela — mas talvez estivesse mais zangado do que ela pensava.

Talvez.

Ou talvez estivesse apenas cansado. Tinha-se levantado às 4h00. Georgie tinha-se levantado às 4h30. De repente, sentiu-se também cansada. Pensou em pegar no carro e voltar para Calabças, para uma casa vazia onde ninguém a esperava...

Então tirou os sapatos e meteu-se debaixo do seu velho edredão, batendo as palmas duas vezes para apagar a luz. Ainda conseguia ver cinquenta pares de tristes olhos de *pug* brilhando no escuro.

Telefonaria a Neal no dia seguinte.

Começaria por lhe dizer «Amo-te».